

A AVALIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Flor de Liz Marques Cantanhêde^{1*}

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com a intenção que se reflita sobre a importância de se repensar a avaliação dentro do ambiente escolar, no que se refere ao processo ensino aprendizagem, visto que a avaliação é um momento privilegiado do ato de ensinar e aprender e deve estar presente em todas as etapas da aprendizagem. Deve ser compreendida como um conjunto de atuações cuja função é subsidiar, sugerir retomadas, indicar novos caminhos e novas metodologias. Faz-se necessário, que se compreenda a avaliação como um processo permanente, dinâmico e transformador. Entende-se que a avaliação escolar, na conjuntura atual, concebe uma prática pedagógica a serviço do êxito escolar, numa perspectiva transformadora e deve ter natureza contínua, cumulativa e global, tendo função diagnóstica, indicando avanços, dificuldades e possibilidades de docentes e discentes replanejarem no mesmo passo novas intervenções educativas, considerando sobre tudo o erro como importante passo para o processo de aprender. Diante desse contexto chama-se a atenção do professor, para que o mesmo esteja atento para não cometer o erro de confundir a avaliação com os instrumentos avaliativos, pois a avaliação precisa ser mediada, para que dessa forma possa proporcionar um novo saber ao educando. Buscando um conhecimento mais profundo do tema em destaque, recorreu-se a algumas obras que apresentam informações contundentes sobre a temática pesquisada, através das quais adquirimos entendimento, informações e comprovações sobre o assunto abordado, que foi de grande valia para se obter um bom aprendizado e com certeza para que haja o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais condizente com as expectativas e realidades dos alunos, ofertando aos mesmos, uma aprendizagem significativo e de qualidade.

Palavras chave: Avaliação. Aprendizagem. Mediação.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação é um momento privilegiado do ato de ensinar e aprender e deve estar presente em todas as etapas da aprendizagem. Deve ser compreendida como um conjunto de atuações cuja função é subsidiar, sugerir retomadas, indicar novos caminhos, novas metodologias, orientar a intervenção pedagógica, quando necessária; precisa-se compreender a avaliação como um processo permanente, dinâmico e transformador. Dentro desse contexto de avaliação e ensino aprendizagem, é de suma importância que se observe o papel do professor enquanto mediador dessa aprendizagem.

^{1*}Graduada em História pela UEMA - Universidade Estadual do Maranhão. Pós-graduada em Metodologias Inovadoras Aplicadas à Educação: Ensino de Ciências Humanas, pelo IESF – Instituto de Ensino Superior Franciscano. Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela FATHEN – Faculdade de Teologia Hokemã; Pós – graduada em Gestão, Supervisão e Planejamento pelo IESF – Instituto de Ensino Superior Franciscano. Pós-graduanda em Psicopedagogia pelo IESF. Pós-graduanda em História do Brasil, pelo Instituto Prominas EAD. Docente pela rede estadual de ensino, no Centro de Ensino Raimundo João Saldanha e Centro de Ensino Professor Joaquim Santos. Docente na rede municipal na Unidade Integrada Santa Teresa/Educação de Jovens e Adultos.
email: lizcantanhede@gmail.com

Segundo Barbosa, “mediar a ação de aprender no âmbito escolar é a grande tarefa do(a) professor(a) e por isso considera-se importante a conversa sobre o aprendiz e o processo de aprendizagem”.

A ação mediadora do professor, é de suma importância dentro do contexto escolar, mas, a sua intervenção pedagógica, desafiadora, não pode, ao mesmo tempo, ser uniforme em todas as situações de tarefas dos alunos, pois os erros que os educandos mostram, podem não ser iguais e sim diversificados, pois o aprendizado não se dá da mesma forma para todos. Faz-se necessário, uma observação individualizada, ou seja aluno por aluno, atentando assim, para o seu momento no processo de construção do seu conhecimento.

Diante do exposto, faz-se necessário que se compreenda a importância dos objetivos que se queira alcançar com a avaliação proposta, visto que são eles que permitem a elaboração de critérios para avaliar a aprendizagem dos conteúdos. Mas, é importante também que se saiba, que os critérios de avaliação não podem de forma alguma, ser tomados como objetivos, pois isso significaria um injustificável rebaixamento da oferta de ensino e, conseqüentemente, a não garantia de conquista das aprendizagens consideradas essenciais.

Para avaliar segundo os critérios que se queiram estabelecer, é necessário considerar indicadores bastante precisos que sirvam para identificar de fato as aprendizagens realizadas, sem perder de vista que um progresso relacionado a um critério específico pode manifestar-se de diferentes formas, em diferentes alunos, como já citado acima.

Para tanto, objetivando um conhecimento mais profundo do tema trabalhado, recorreu se a algumas obras que apresentam informações contundentes sobre a avaliação no processo ensino aprendizagem. Dentre os quais temos Kraemer (2006); Libâneo (1994); Luckesi (1997); Hoffmann(2003) Celso Antunes (2013) e outros, além de algumas edições do Jornal Mundo Jovem; e internet. É de suma importância que se discorra sobre esse tema, visto ser tão presente nas unidades de ensino, mas que ao mesmo tempo é tão complexa e polêmica.

Após diversas leituras e pesquisas baseadas nas obras acima citadas, conclui-se que não se pode desenvolver um bom trabalho educativo, e muito menos oportunizar ao aluno uma aprendizagem significativa e de qualidade sem que haja uma reflexão sobre a avaliação no processo ensino aprendizagem, enfatizando que o professor não deva ser um simples transferidor de conhecimento, detentor do saber absoluto, e o aluno um mero depositário desse conhecimento, pelo contrário, para ser bem sucedido, o professor deve tornar-se um mestre, isto é, além de transmitir o conhecimento, estar aberto para recebê-lo. Enquanto que o aluno, precisa ser ativo e participativo no que se refere ao seu aprendizado.

2 CONCEITUANDO A AVALIAÇÃO

A avaliação, é um ato em que através da mesma, busca-se um resultado a ser alcançado. Numa primeira abordagem, a avaliação seria mediadora do processo de ensino e aprendizagem e teria como papel fundamental saber em que medida os direitos de aprendizagem estão sendo alcançados.

Avaliar aprendizagens e o desenvolvimento de competências e habilidades como direitos dos estudantes, exige a desconstrução de práticas históricas de avaliação que ainda são centradas na prova como principal e único instrumento avaliativo.

Mujica e Etxebarria(2009), definem a avaliação como o processo de identificação, coleta e análise de informações relevantes que podem ser quantitativas ou qualitativas, de modo sistemático, rigoroso, planejado, dirigido, objetivo, fidedigno e válido para emitir juízos de valor, com bases em critérios e referências preestabelecidos, para determinar o valor e o mérito do objeto educacional em questão, a fim de tomar decisões que ajudem a aperfeiçoar o objeto mencionado, ou seja, a avaliação tem como referência fundamental a tomada de decisão com foco na aprendizagem.

Para Kraemer (2006), avaliação vem do latim, e significa valor ou mérito ao objeto em pesquisa, junção do ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo.

.Para Libâneo (1994,p.195)

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Neste ponto, a avaliação se converte num processo que se inicia pelo conhecimento do que cada aluno sabe fazer e daquilo que pode atingir, ou seja, fazer, ser e conviver.

Segundo Jussara Hoffmann, “um dos princípios da teoria construtivista fundamental, é a avaliação”, pois a partir da avaliação, será possível saber o nível em que se encontra o educando, visto que o desenvolvimento do indivíduo, se dá por estágios evolutivos do pensamento, a partir das suas vivências, que a levam ao seu nível de maturação.

"Seja pontual ou contínua, a avaliação só faz sentido quando leva ao desenvolvimento do educando", afirma Luckesi. Ou seja, só se deve avaliar aquilo que foi

ensinado. Não adianta exigir que um grupo não orientado sobre a apresentação de seminários se saia bem nesse modelo. E é inviável exigir que a garotada realize uma pesquisa (na biblioteca ou na internet) se você não mostrar como fazer.

2.1 Breve Histórico da Avaliação Escolar no Brasil

A história da avaliação deve ser analisada com a nossa própria colonização.

Os primeiros sinais de um sistema de avaliação da aprendizagem escolar datam de 1549 com o ensino jesuítico que permaneceu no Brasil até 1759, ou seja, 210 anos. Em 1904, a avaliação passou a ser sistematizada a partir de notas que iam de 0 a 5. A avaliação surge como teoria ou pesquisa nos anos 1950-1960, como uma preocupação, principalmente dos americanos, com a qualidade da educação. Durante muito tempo, a avaliação foi usada como instrumento para classificar e rotular os alunos entre os bons, os que dão trabalho e os que não têm jeito. A prova bimestral, por exemplo, servia como uma ameaça à turma.

A “avaliação como sinônimo de provas e exames”, segundo Lukesi(1995), foi trazida para o Brasil pelos jesuítas, uma vez que enfatizava a memorização e dava especial importância à retórica e à redação, assim como à leitura dos clássicos e à arte cênica.

Entre os alunos, os castigos físicos eram constantes, castigavam-se ou premiavam-se de acordo com a disciplina e o rendimento escolar. O professor era considerado o detentor do saber e o transmissor absoluto dos conteúdos, cabendo aos alunos obedecer ele em todas as circunstâncias.

Atualmente, a avaliação é vista como uma das mais importantes ferramentas à disposição dos professores para alcançar o principal objetivo da escola.

Para Barbosa, (2006):

“Ensinar e aprender é muito mais do que fazer lições, do que saber para a prova, do que preencher cadernos. É sim, colocar nova combinação na vida, é transformar o que já existe, é poder pensar e agir de outra forma, é poder completar ideias.”

Diante desse contexto, entende-se que o ensinar e aprender, assim como a avaliação dentro desse processo, não pode e nem deve acontecer de forma estagnada, mas sim, de forma ativa, dinâmica, pois hoje em dia, os aprendizes possuem várias experiências, e cabe à escola relacionar-se às informações que o aluno recebe fora dela, às necessidades sociais, às relações humanas e ao conhecimento construído através da história.

A avaliação não deve mais, ser um instrumento de punição, castigo, mecanização de conteúdo, mas sim, ser vista e concebida como um meio de promoção, aprendizagem de conhecimento. Deve servir para facilitar, e não dificultar a vida do aluno.

Necessita-se portanto, de uma avaliação contínua, formativa, na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno, estabelecendo um diagnóstico correto para cada aluno e identificando as possíveis causas de seus fracassos e dificuldades, visando assim uma aprendizagem significativa.

2.2 Avaliar para que?

A avaliação escolar, na conjuntura atual, concebe uma prática pedagógica a serviço do êxito escolar, numa perspectiva transformadora e deve ter natureza contínua, cumulativa e global, tendo função diagnóstica, indicando avanços, dificuldades e possibilidades de docentes e discentes replanejarem no mesmo passo novas intervenções educativas, considerando sobre tudo o erro como importante passo para o processo de aprender.

Segundo Celso Antunes (2013, p.64)

Uma maravilhosa prova pode ser feita numa folha impressa, mas pode ser feita com desenho numa folha em branco, pode ser feita numa quadra com movimentos corporais, desde que naturalmente existam critérios para o processo de correção.

Observa-se a importância de buscar novas e várias estratégias para se avaliar o aluno, pois não basta prender-se apenas entre quatro paredes, com os alunos enfileirados, sem poder falar um com o outro, para que se obtenha resultados esperados, que, na maioria das vezes, dessa forma, não se obtém.

A avaliação tem funções específicas como: facilitar o diagnóstico; melhorar a aprendizagem e o ensino (controle); estabelecer situações individuais de aprendizagem; interpretar os resultados; promover, e agrupar alunos (classificação).

“Avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realiza sobre ela, seja a propósito das suas consequências. Portanto, a atividade exige critérios claros que orientem a leitura dos aspectos a serem avaliados.” (PCN, 86)

A avaliação deve ser um instrumento no qual se possa identificar e analisar a evolução, o rendimento e as modificações do educando, confirmando a construção do conhecimento.

A prática avaliativa exige um olhar reflexivo e investigativo do professor, como postura permanente ao longo desse processo sobre aprendizagens, em diferentes momentos, com referências sempre na necessidade de reajustamento metodológico, tendo em vista a aprendizagem do estudante.

3 A PRÁTICA AVALIATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR

Entende-se que a prática avaliativa no ambiente escolar deve acontecer processualmente e de forma contínua, levando em consideração todos os aspectos avaliativos.

Avaliar o que os alunos produzem, seja oralmente, seja por escrito, é uma forma eficaz de identificar o nível de aprendizagem em que eles se encontram e, assim, ajuda-los a progredir em suas concepções.

Segundo Piaget (1949, p.39)

Não se aprende a experimentar simplesmente vendo o professor experimentar, ou dedicando-se a exercícios já previamente organizados: só se aprende a experimentar, tateando, por si mesmo, trabalhando ativamente, ou seja, em liberdade e dispondo de todo o tempo necessário.

De acordo com o citado compreende-se que nada adianta fazer com que o aluno use ferramentas operatórias diferenciadas na sala de aula, se a avaliação do professor é classificamente hierarquizada em por quês. É de suma importância que o professor incorpore ao processo avaliativo novos vocabulários.

Faz-se necessário, uma educação problematizadora, podendo assim, refazer e reconstruir constantemente, o seu conhecimento na capacidade de conhecimento dos seus educandos, possibilitando-os a investigar criticamente a realidade e dialogar com o educador, podendo nessa dialética, tornar-se um investigador crítico, sendo assim, partícipe da construção do seu conhecimento.

A aprendizagem humana está relacionada à educação e desenvolvimento pessoal. Portanto, faz-se necessário que haja uma boa interação entre o educador e o educando, na busca que o processo de ensino aprendizagem se dê de forma significativa, e harmoniosa.

De acordo com a teoria histórico-cultural de Vygotsky, o papel da educação é garantir a criação de aptidões que são inicialmente externas aos indivíduos e que estão dadas como possibilidades nos objetos materiais e intelectuais da cultura.

Para garantir a criação de aptidões nas novas gerações, é necessário que as condições de vida e educação possibilitem o acesso dos indivíduos das novas gerações à cultura historicamente acumulada. Nesse sentido é que o educador é o mediador da relação do educando com o mundo que ele irá conhecer.

Para o autor Paulo Freire (1993 p,71),

" O professor deve ser um mediador de conhecimentos, utilizando sua situação privilegiada em sala de aula não apenas para instruções formais, mas para despertar os alunos para a curiosidade; ensiná-los a pensar, a ser persistentes a ter empatia e ser autores e não expectadores no palco da existência. O aluno tem que ter interesse em voltar à escola no dia seguinte reconhecendo que aquele momento é mágico para sua vida. ”

Observa-se a necessidade que há em o professor rever sua prática pedagógica. É preciso que ele saia daquele pedestal, do centro das atenções para oportunizar o educando a ser um agente construtor da sua própria aprendizagem. Pois, à medida que ele interage de forma positiva com o aluno, seus resultados, serão indicadores fundamentais de como está desempenhando seu papel mediador, promotor ou orientador entre a aprendizagem de seus alunos e os fatores que o estimulam.

Segundo Freire (1996, p.21), “Educar não é transferir conhecimento. ”

Entende-se que o professor precisa estar aberto para a curiosidade do aluno, e ensinar a buscar o aprendizado, instigá-lo a querer saber mais, aprender juntos, é um desafio para que se forme cidadãos críticos, autônomos, conhecedores dos seus direitos e deveres, e preparados para contribuírem na transformação da sociedade.

Ressalta-se que a aprendizagem envolve um ganho de conhecimento imenso sobre um determinado assunto, podendo-se presumir que a nova informação adquirida poderá ser usada produtivamente em outros contextos.

4 CARACTERÍSTICAS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

4.1 Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica é entendida, como uma ação avaliativa realizada no início de um processo de aprendizagem, que tem a função de obter informações sobre os conhecimentos, aptidões e competências dos estudantes com vista à organização dos processos de ensino e aprendizagem de acordo com as situações identificadas. Para Celso Antunes (2013, p.20), “Não existe avaliação se não existir expectativas por

resultados.” Entende-se que ao avaliar o aprendizado do aluno, uma segunda intenção deve haver ali, pois faz-se necessário que o professor, descubra o problema, para que busque através de várias estratégias a solução.

A avaliação diagnóstica fornece ao educador informações para que possa por em exercício a idealização de forma adaptada às características de seus educandos, ou seja, levando em consideração seus conhecimentos prévios.

É importante frisar que a avaliação diagnóstica não deve ser empregada por um longo tempo, intrometendo-se na implementação do plano de curso e da programação das atividades didáticas, mesmo porque existe uma outra modalidade de avaliação consecutiva que pode bem sucedê-la e que permite a observação do avanço e da qualidade da aprendizagem alcançada pelos alunos.

4.2 A avaliação formativa

A avaliação formativa é uma proposta avaliativa, que inclui a avaliação, no processo ensino-aprendizagem. Ela se materializa nos contextos vividos pelos professores e alunos e possui como função, a regulação das aprendizagens.

A avaliação formativa possui algumas especificidades como: levar em conta a criatividade, o desenvolvimento, o comportamento e a participação dos alunos nas atividades; é o ato de investigar o processo; é subsidio para intervir na realidade; exige clareza dos objetivos, para saber como e por que intervir na realidade; permite a comparação dos resultados não entre pessoas, mas a partir de critérios (normas) e, é feita não apenas sobre, mas também para o aluno, pois tem a função de orientar a aprendizagem.

Essas características evidenciam a importância de se analisar o contexto dos alunos e da escola no processo avaliativo, pois os objetivos e os resultados da avaliação incidem diretamente sobre o aluno.

A avaliação formativa, é assim caracterizada por utilizar os resultados das atividades desenvolvidas por professores e alunos como feedback para a reestruturação contínua das atividades de ensino e aprendizagem, ou seja, essa avaliação subsidia as intervenções necessárias para se chegar ao objetivo final do processo.

4.3 A avaliação somativa,

A avaliação somativa faz parte de uma realidade bastante comum dentro das escolas brasileiras, principalmente como princípio relacionado às avaliações externas.

Geralmente, é utilizada no final de um processo educacional com objetivo de avaliar o resultado da aprendizagem. Ela apresenta uma característica informativa e verificadora, situando o aluno, a turma, a escola e a rede com um parecer sobre as competências e habilidades desenvolvidas. A avaliação somativa tem uma função classificatória, em razão de que vão convir a uma classificação do estudante conforme os níveis de aplicação no fim de uma unidade, de um módulo, de uma disciplina, de um semestre, de um ano, de um curso.

O diferencial dessa avaliação, por ocorrer no final do processo, é que ela gera informações sobre a qualidade do processo instrucional, o quanto os objetivos de aprendizagens foram alcançados. Por isso, muitos preferem chamar essa avaliação de resultados finais de aprendizagem.

No ambiente escolar, ela deve proporcionar reflexões sobre os resultados obtidos e um direcionamento de ações administrativas e pedagógicas que visem à melhoria da educação tanto para uma rede de ensino quanto para uma escola.

4 AVALIAÇÃO MEDIADORA

O processo de ensino aprendizagem, na perspectiva da avaliação mediadora, perpassa por um novo olhar, um olhar diferenciado para o educando. Segundo Hoffman (2014, p.12) A avaliação mediadora, envolve essencialmente a questão do caráter da subjetividade na avaliação, e do quanto o avaliador influencia o objeto avaliado. Transpondo isso para a avaliação da aprendizagem, Hoffman defende que quem avalia intervém, provoca e faz mudanças.

A avaliação mediadora possibilita deixar de ver o coletivo e focar principalmente no individual, possibilitando aos educandos situações de aprendizagens; Atenta ao momento do educando no processo de construção do conhecimento, o que exige uma relação direta a ele, a partir de variadas tarefas, sejam elas escritas ou orais, refletindo e investigando teoricamente razões para as soluções apresentadas. Cabe ao professor analisar cada tarefa em sua especificidade.

A intervenção do professor deve ser verdadeiramente desafiadora, nunca coercitiva ou retificadora, m novas atividades no sentido de confrontar o aluno com outras respostas, diferentes e contraditórias, para leva-lo a defender o seu ponto de vista ou reformulá-lo. Dessa forma o professor estará sabendo esperar pelo momento certo do aluno, podendo assim, garantir êxito no seu fazer pedagógico.

5 CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

. A avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno. A avaliação tem por objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico e secundário.

Os critérios de avaliação são os referenciais comuns no agrupamento a ter em conta na avaliação dos conhecimentos e das capacidades dos alunos.

A ideia de critérios de avaliação é usada na área da educação para designar um quadro de referência tomado pelos docentes na hora de avaliar o rendimento académico dos seus alunos.

Para avaliar segundo os critérios de avaliação estabelecidos, é necessário considerar indicadores bastante precisos que sirvam para identificar de fato as aprendizagens realizadas. No entanto, é importante não perder de vista que um progresso relacionado a um critério específico pode manifestar-se de diferentes formas, em diferentes alunos. E uma mesma ação pode, para um aluno indicar avanço em relação a um critério estabelecido, e, para outro, não.

Por isso, além de necessitarem de indicadores precisos, os critérios de avaliação devem ser tomados em seu conjunto, considerados de forma contextual e, muito mais do que isso, analisados à luz dos objetivos que realmente orientam o ensino oferecido aos alunos.

É nesse contexto que os critérios de avaliação devem ser compreendidos: por um lado, como aprendizagens indispensáveis ao final de um período; por outro, como referências que permitem a análise dos avanços do educando, ao longo do processo, considerando que as manifestações desses avanços não são lineares, nem idênticos.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após diversas leituras e pesquisas, conclui-se que não se pode desenvolver um bom trabalho educativo, e muito menos oportunizar ao aluno uma aprendizagem significativa e de qualidade sem que haja uma reflexão sobre a avaliação. Precisa-se investir em formações continuadas voltadas para a temática avaliação, de forma que proporcione aos professores uma revisão em suas estratégias avaliativas, possibilitando aos mesmos uma nova forma de avaliar, gerando assim, um clima de segurança, confiança e respeito à individualidade de cada ser, ali inserido.

Entende-se também que o professor não deva ser um simples transferidor de conhecimento, detentor do saber absoluto, e o aluno um mero depositário desse conhecimento, desse saber. Faz-se necessário que entre ambos haja uma relação recíproca, de ajuda mútua, um aprendendo com o outro, numa relação dialógica, onde o aprendizado seja uma via de mão dupla.

Segundo Içami Tiba, “o saber consiste em ensinar e aprender. E ninguém pode estimular o saber se não o pratica”.

Compreende-se então, que para ser bem sucedido, o professor deve tornar-se um mestre, isto é, além de transmitir o conhecimento, estar aberto para recebê-lo. Deve enxergar as reais necessidades e os limites do aluno, aprender com ele, participar constantemente de formações para que sua ação pedagógica se torne dinâmica, despertando o apetite pelo saber.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso, **A avaliação da Aprendizagem escolar**: fascículo 11, 10. Ed., Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na Escola**: Alternativas Teóricas e Práticas. Editora Summus, 2003. São Paulo.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia: um diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação**. 2ª ed. Ver. e ampl. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993. 21. ed.

KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. 19/07/2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 6. ed., São Paulo, SP: Editora Cortez, 1997.

PÁDUA, Ivone. **Pedagogia do Afeto**: a pedagogia logosófica na sala de aula Editora Wak, Rio de Janeiro – 2010.

QUINTANA, H. E. O portfólio como estratégia para a avaliação. In: BALLESTER, M. et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à prática educativa**. 15ª edição ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.